

## Bebedouro se move com o agronegócio

Ninguém tem dúvida: em Bebedouro o campo move a cidade. Quando o campo vai bem a cidade vai bem também. É o dinheiro que vem do campo na forma de salários que gira o comércio, na forma de impostos, que gera investimentos e desenvolvimento social.

Dinheiro do campo, não é necessariamente resultado de venda da produção agrícola, mas sim de tudo o que gira em torno dela, e em Bebedouro toda cadeia produtiva encontra seu espaço.

Com 118 anos, a “Capital da Laranja” reconhece, foi o campo que desencadeou o desenvolvimento. Primeiro foi a pecuária. O córrego conhecido por “Bebedor” e a farta pastagem atraía tropeiros e boiadeiros, a cidade nasceu ali.

A cafeicultura no final do século XIX era a maior riqueza, mas a quebra de 29 empurrou, a partir dos anos 30, a população do campo para a cidade. Mas a saída continuava no campo, foi criada na cidade a Sociedade Paulista de Fruticultura, a laranja começa a sobressair e se tornar a mola propulsora da economia local.

As décadas de 70 e 80 foram as do crescimento, quando a cotação da laranja atingiu picos por causa da geadas na Flórida. Problemas lá, desenvolvimento aqui. O comércio foi o primeiro a sentir os reflexos positivos, com lojas se abrindo, a construção do shopping, a explosão de concessionárias de carros e tratores e o fortalecimento da maior cooperativa singular do Estado de São Paulo, a Coopercitrus.

Mas a crise da citricultura na primeira metade da década de 90 levou a cidade a repensar seu caminho. O comércio mais uma vez foi termômetro. Em 1995, havia 435 estabelecimentos na cidade. No ano seguinte caiu para 419. Em 2000

veio a reação e hoje já são quase 600 pontos em atividade. A laranja começou a dividir espaço com a cana de



**Bebedouro**  
77 mil habitantes  
Laranja: 700 produtores / 6 milhões de plantas cultivadas  
Cana: 30 mil hectares cultivados



açúcar, a diversificação atraiu mais indústrias para a cidade.

Bebedouro se diferencia pela logística do município. Ponto estratégico no coração de São Paulo, cortada por duas excelentes rodovias, a Brigadeiro Faria Lima e a Armando Sales Oliveira. Num raio de 200 Km, Bebedouro é referencial para uma população de 12 milhões de habitantes, o que explica, segundo o Diretor de desenvolvimento econômico da prefeitura Francisco Carlos Cunha, o grande interesse das empresas de transporte e distribuição pela cidade. Hoje são quase 2000 empresas instaladas na cidade e mais 62, algumas de grande porte, em instalação.

A infra estrutura da cidade faz a diferença: estrada de ferro, 3 terminais rodo-ferroviários, porto seco e o aeroporto, que o poder público local e os empresários querem transformar em um terminal de cargas.

A recuperação econômica já pode ser medida. Bebedouro vem melhorando sua participação no Imposto Sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Em 1998, o município tinha 0,13% de participação. Em 1999, saltou para 0,17% e, em 2000, para 0,19%.

O campo continua impulsionando a cidade e nos próximos 5 anos o panorama deve melhorar ainda mais. Os novos pés de laranja vão começar a produzir, e com as tecnologias incorporadas a produtividade média por hectare deve chegar a 40 toneladas. A média no estado varia de 18 a 20 toneladas por hectare. Enquanto isso os 4 distritos industriais vão sendo ocupados. O quinto já está a caminho.



**A**gricultura, tecnologia e meio ambiente. Este foi o tema da redação feita pelos quase 6500 alunos do programa “Agronegócio na Escola”, concurso que valia uma viagem para Ribeirão Preto para ver de perto a Agrishow. Os autores das três melhores redações de cada uma das 21 escolas participantes do programa, e seus professores responsáveis, visitaram no dia 30 de maio, a maior feira de tecnologia agrícola em ação da América Latina, acompanhados pelos técnicos da ABAG/RP.

Eles puderam conferir se o que escreveram correspondia à realidade do moderno agronegócio brasileiro. Primeira parada: auditório. Um vídeo fez o pano de fundo para que eles pudessem entender o maior setor da economia brasileira, responsável por 21% do PIB, 25% do total da produção, 37% dos empregos e 41% das exportações. Ao sair do auditório, 130.000 metros quadrados de feira estática, 450 expositores, 200 hectares de demonstrações de campo. A tecnologia estava ao alcance da mão.

O que mais chamou a atenção foram as grandes colhedoras e os tratores com ar condicionado, mas eles viram também uma infinidade de outros produtos, muitos fabricados na própria região de Ribeirão Preto. O interesse dos meninos era conhecer o sistema de gerenciamento por satélite, o GPS, entender como a máquina re-

## Tecnologia ao alcance da mão



cebe informações para aplicar somente a quantidade certa de produto no lugar desejado. Mas tecnologia não é só máquina. Foram a uma empresa de sementes para entender o melhoramento vegetal, que começa prancheta de um pesquisador.

Ficou bem claro para os alunos e professores a atenção do setor com o meio ambiente. No stand de uma empresa de irrigação por gotejamento, viram a importância de usar a água racionalmente.

Apesar das cidades dos alunos desenvolverem a agricultura, foi novidade para muitos ver de perto o preparo do solo, plantio e a colheita.

Esta foi uma das atividades de um trabalho que se estenderá ao longo do ano. Um trabalho que é prioridade para a ABAG/RP: levar a realidade para a sala de aula e a sala de aula para a realidade, para que os professores, os agentes multiplicadores, e os alunos, o futuro desse país, enxerguem a dimensão das cadeias produtivas do agronegócio e o quanto ele é moderno e importante em suas vidas, para a região, para o Estado e para o País.



### Editorial

## A hora de planejar

Com base em três perguntas: qual será a demanda de comida no mundo em 2010; quem vai produzir isso, e qual é o papel do Brasil, é que está sendo organizado, pela ABAG Nacional, o I Congresso Brasileiro de Agribusiness.

A partir do desenho de um conjunto de cenários e propostas elaborados por especialistas, estará na pauta do evento a discussão de uma agenda para o setor para os próximos anos. Estará na pauta do evento a consolidação de um plano estratégico para o agribusiness brasileiro de 2002 a 2010.

Esta proposta plurianual, embasada em métodos efetivos para atingir metas tecnicamente definidas, delineará as ações necessárias a serem implementadas pelo

governo e pelo setor privado, com o objetivo claro de transformar as vantagens comparativas do agronegócio brasileiro em vantagens competitivas.

Assim, questões envolvendo a discussão de políticas setoriais; a inserção competitiva do agronegócio brasileiro no mercado global; a construção da competitividade local e a visão política do agronegócio; serão debatidas por representantes dos mais diferentes segmentos e lideranças setoriais e nacionais.

É o futuro do maior negócio do país que estará sendo discutido. O futuro de um setor que se mostra amadurecido e absolutamente ciente de suas responsabilidades e potencialidades.

**Mônica Bergamaschi**

# S U B S Í D I O

## A quem realmente interessa

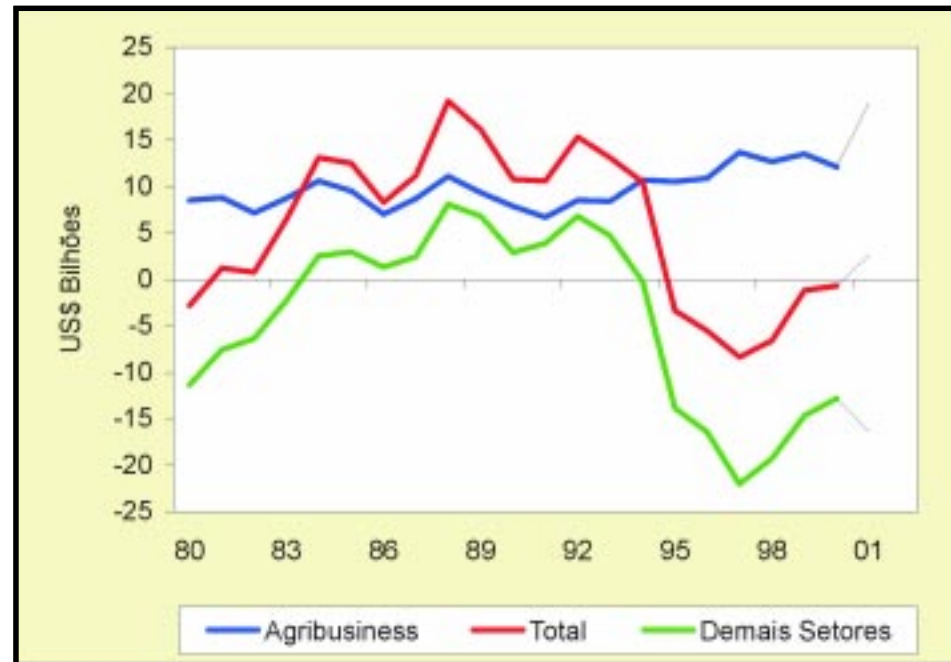
O dia 13 de maio de 2002, data da aprovação da nova política agrícola americana, a *Farm Bill*, pode representar uma mudança de rumo nas negociações internacionais. A nova lei agrícola americana prevê pesadas subvenções, para os próximos dez anos, aos produtores de milho, soja e algodão.

Tais medidas protecionistas estão na contramão dos avanços obtidos na Reunião Ministerial de Doha, no Catar, onde houve um consenso dos países presentes, entre eles os Estados Unidos, sobre a necessidade de um avanço no sentido de eliminar gradualmente os subsídios, de garantir maior acesso a mercados e iniciar uma revisão das medidas de apoio interno.

A assinatura do presidente George W. Bush no documento que regerá a política agrícola americana para os próximos dez anos, sinaliza o recrudescimento do protecionismo à agricultura nos países desenvolvidos. No âmbito da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), que reúne os 30 países mais industrializados do mundo, o montante empregado na forma de subsídios à agricultura chegou próximo da incrível quantia de US\$ 1 bilhão por dia no ano 2000. A título de ilustração, os recursos disponibilizados anualmente pelo governo brasileiro a seus dois programas de auxílio direto – Pronaf e Procefa – equivalem a míseras 12 horas do volume diário despejado pelos países mais desenvolvidos em suas agriculturas.

Estes montantes, porém, estão sendo cada vez mais questionados pela opinião pública destes próprios países, como na Europa, por privile-

### Brasil - Balança Comercial



Fonte: SECEX

O quadro mostra o excelente desempenho do único setor superavitário da balança comercial brasileira. Não é necessária uma análise muito profunda para constatar que o agronegócio tem contribuído de forma ímpar para a manutenção do equilíbrio comercial brasileiro como um todo, sem o qual nossas reservas cambiais já teriam se esgotado há muito tempo. O salto verificado no último período se deve em grande parte às duas melhores políticas implantadas nos últimos tempos que tiveram impacto positivo sobre o setor: a cambial (ainda que esta não tenha sido uma política desenhada exclusivamente para o agronegócio) e a desoneração do ICMS (Lei Kandir) dos produtos de exportação.

giar grandes produtores e exportadores, em detrimento dos pequenos, que apostam na qualidade. Após a crise aberta com a síndrome do “mal da vaca louca” no ano passado, a PAC (Política Agrícola Comum) foi colocada em xeque. Devido às pressões, houve um movimento para revisão das políticas agrícolas dos países da União Européia.

Em contrapartida, infelizmente, os últimos acontecimentos reforçam na Europa a argumentação dos setores interessados na manutenção dos pe-

sados subsídios agrícolas, argumentando que, se “eles” (Estados Unidos) estão aumentando em mais de 70% as subvenções a seus agricultores, porque a União Européia deveria diminuir os subsídios, uma vez que isto implicaria em desvantagens para seus agricultores no comércio internacional?

Em um momento em que o agronegócio brasileiro dá um show de competitividade e obtém o maior saldo na balança comercial entre todos os países do mundo, o protecionis-

mo praticado pelos países ricos vem como uma baldada de água fria a ampliar os obstáculos a transpor na conquista de novos mercados.

Trata-se, sem dúvida, de uma ameaça ao livre comércio, pregado hipocritamente pela retórica americana, país protecionista-liberal no âmbito das negociações internacionais e que tem dado ao mundo sucessivas demonstrações de incoerência, embaladas por questões eleitoreiras.

Tentar impedir que os países ricos continuem subsidiando seus produtores internamente soa quixotesco. Subsidiar porque podem, querem e têm recursos para isto. Trocando em miúdos, isso significa dizer que nem o Brasil e nem outros países potenciais exportadores de produtos do agronegócio têm como interferir nas políticas de subsídios adotadas internamente pelos países ricos, por mais que discordem delas. Mas devem e têm como defender suas posições nos fóruns internacionais de negociação.

O caminho possível, portanto, passa pela necessidade de disciplinar estas medidas de apoio interno nas negociações da OMC (Organização Mundial do Comércio). Ou seja, “aceitar” que os países continuem subsidiando seus produtores internamente desde que essa prática não gere excedentes exportáveis que distorcem preços e inibem o acesso dos produtos não subsidiados a terceiros mercados. Por mais lógico que pareça, isso dependerá do que for acordado multilateralmente na OMC e negociar bem será preciso.

O trunfo que temos é que a vedete de todas as tentativas de acordos, seja no âmbito da ALCA, seja no âmbito do Mercosul x União Européia, ou

outros bilaterais, é o mercado interno do Brasil. No fundo o que os negociadores buscam é abrir novos mercados para seus produtos, mas não querem negociar onde o país possui nítidas vantagens comparativas e, em pé de igualdade, tem condições de sobra para competir e vencer.

Diferentes cenários e metas sobre os quais poderá ser proposta uma agenda para o setor nos próximos anos

- capaz de unir e comprometer toda a sociedade brasileira - serão analisados e debatidos pelas maiores entidades, empresas e lideranças do setor durante o I Congresso Brasileiro de Agribusiness. O evento, promovido pela ABAG Nacional, será realizado nos dias 12 e 13 de junho, em São Paulo, e resultará na consolidação de um plano estratégico para o agribusiness brasileiro de 2002 a 2010.

**PARA ONDE VAI O MAIOR NEGÓCIO DO BRASIL?**

**CONGRESSO BRASILEIRO DE AGRIBUSINESS**

**PLANO ESTRATÉGICO 2002/2010**

Venha saber para onde caminha o nosso agribusiness. Participe e discuta o "Plano Estratégico para o Agribusiness Brasileiro 2002/2010".

**12 E 13 DE JUNHO DE 2002**  
BLUE TREE TOWERS MORUMBI - AV. ROQUE PETRONI JR. 1.000 - BROOKLIN - SÃO PAULO - SP  
INFORMAÇÕES: 11 3284-4044 - E-MAIL: advb@advbfbm.org.br

Realização: **abag**  
Coordenação: **ADMB**  
Apoio: **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**